

“A gente vive no mar”: relações com o mar na comunidade pesqueira Barra do Ararapira

"We Live in the Sea": relationships with the sea in the fishing community of Barra do Ararapira

Ana Paula Rainho¹

Resumo: Este estudo analisa as relações sociais dos pescadores artesanais da comunidade Barra do Ararapira (Guaraqueçaba, Paraná), com o mar, enfatizando o conceito de “maretório” e de “socialidade mais que humana” (Tsing, 2013). A pesquisa foi conduzida por meio de entrevistas abertas, não estruturadas, com os moradores, além da observação participante. Os resultados revelam que o mar é central em todas as fases da vida dos pescadores, impactando seu nascimento, educação, trabalho, casamento e morte. Essa relação também resulta em características físicas específicas dos moradores. O estudo conclui que o mar é essencial para a formação de identidades, a criação de laços sociais e a promoção da subsistência da comunidade, ressaltando sua importância cultural, econômica, simbólica e afetiva.

Palavras-chave: Pescadores. Caiçaras. Comunidade Tradicional. Maretório.

Abstract: This study analyzes the social relationships of artisanal fishermen in the Barra do Ararapira community (Guaraqueçaba, Paraná), with the sea, emphasizing the concepts of "maretório" and "more-than-human sociality" (Tsing, 2013). The research was conducted through open, unstructured interviews with residents, as well as participant observation. The results reveal that the sea is central to all phases of the fishermen's lives, impacting their birth, education, work, marriage, and death. This relationship also results in specific physical characteristics among the residents. The study concludes that the sea is essential for the formation of identities, the creation of social ties, and the promotion of the community's subsistence, highlighting its cultural, economic, symbolic, and affective importance.

Keywords: Fishermen. Caiçaras. Traditional Community. Maretório.

¹ Doutora em Antropologia pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, com bolsa financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES. ORCID: [0000-0002-3569-6648](https://orcid.org/0000-0002-3569-6648) - E-mail: rainhoanap@gmail.com.



“A gente vive no mar”: relações com o mar na comunidade pesqueira Barra do Ararapira
Ana Paula Rainho

Introdução

O mar contém percursos, cores e paisagens, constituindo-se como lugar de reprodução cultural, política e econômica para diversas comunidades pesqueiras e costeiras (Herrera & Chapanoff, 2017). Através da proximidade com a região costeira, diferentes povos estabelecem laços com o ambiente marinho. Cria-se uma relação que não é puramente física nem utilitarista, mas uma relação que é também simbólica, social e afetiva. Diegues (2004) chama esse fenômeno de “particularismo da gente do mar”, remetendo a povos que vivem em um ambiente circunscrito pelo mar, com suas vidas marcadas pela fluidez das águas, pela instabilidade contínua dos fatores meteorológicos e oceanográficos, e, também, pelos temores de naufrágios e acidentes.

Assim, novas formas ontológicas de conceber o território tornam-se necessárias, tanto para incluir a territorialidade nativa, que vai muito além do espaço terrestre, quanto para compreender a relação dessas comunidades com o mar. A interação diária dos pescadores artesanais com o mar atribui a esse ambiente uma variedade de valores, percepções, símbolos e significados (Marques, 2020). Essa relação possibilita “[...] a concepção do mar como um ‘maretório’, um território marítimo utilizado por populações tradicionais para manutenção do modo de vida dos pescadores artesanais” (Marques, 2020, p. 65). Diferente do conceito de território, que se associa principalmente ao controle da terra, o maretório abrange as práticas culturais, sociais, econômicas, simbólicas e rituais ligadas ao mar (Pimentel, 2019). O termo evidencia a mobilidade e a relação dinâmica dessas comunidades com o ambiente costeiro (Pimentel, 2019). E, apesar de o conceito estar associado à junção das palavras maré e território, ele “[...] não se opõe à noção de território como uma divisão rígida entre terra e água” (Souza *et al.*, 2024, p. 77). Pelo contrário, o conceito maretório define um “[...] conjunto de relações mescladas entre essas paisagens características dos ambientes costeiros” (Souza *et al.*, 2024, p. 77).

Com o objetivo de compreender as práticas ligadas ao mar e as relações estabelecidas com e no oceano, este artigo examina as relações sociais dos habitantes da comunidade pesqueira Barra do Ararapira (localizada na Ilha de Superagui, Paraná) com



“A gente vive no mar”: relações com o mar na comunidade pesqueira Barra do Ararapira
Ana Paula Rainho

a região costeira, utilizando o conceito de maretório. E, compreendendo que as relações sociais estabelecidas vão além da socialidade humana, envolvendo também interações entre seres humanos e não humanos, assim como entre humanos e paisagens costeiras (Tsing, 2013).

Metodologia e área de estudo

O método utilizado para esse trabalho foi o método etnográfico que, segundo Rocha & Eckert (2008, p. 1), pode ser caracterizado como um “[...] procedimento de coleta de dados associado a uma prática de trabalho de campo mais ou menos prolongada do(a) pesquisador(a) junto ao grupo social a ser estudado”. Esse método tem como premissa a interação social enquanto condição de pesquisa, não se tratando de “[...] um encontro fortuito, mas de uma relação que se prolonga no fluxo do tempo e na pluralidade dos espaços sociais vividos cotidianamente no contexto urbano, no mundo rural, nas terras indígenas, nos territórios quilombolas” (Rocha & Eckert, 2008, p. 3).

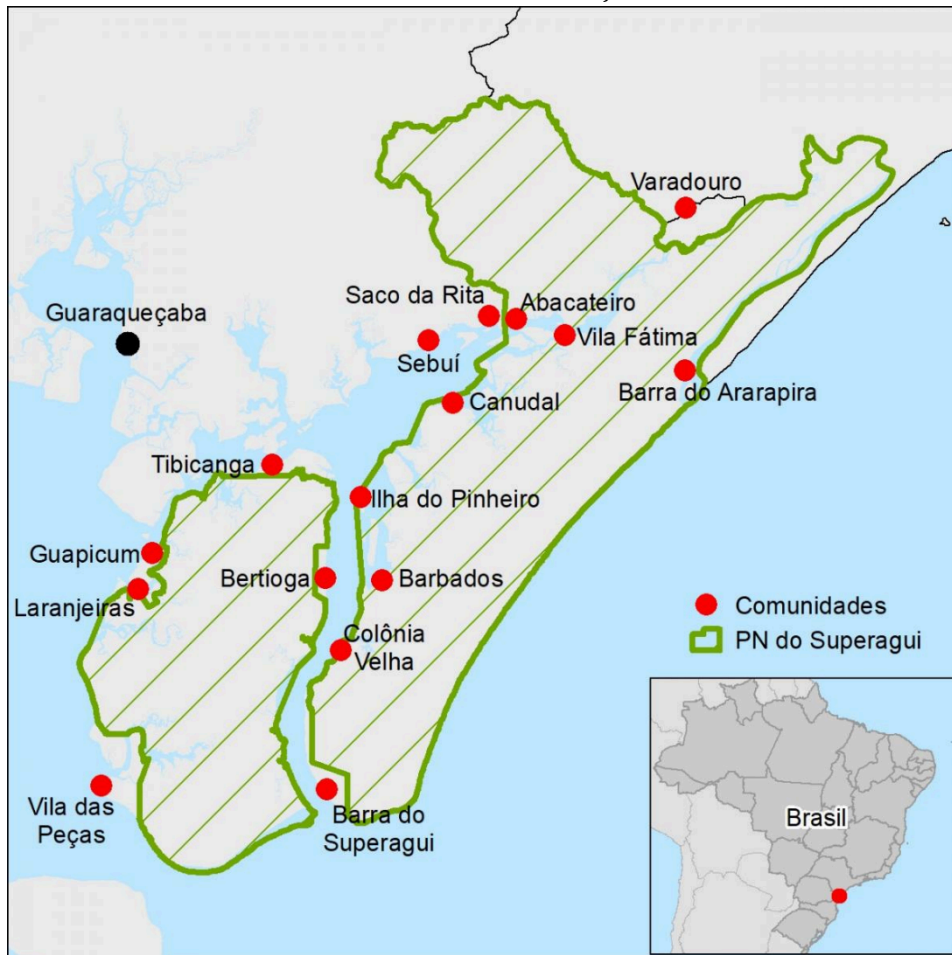
A etnografia teve duração de quatro meses e ocorreu na comunidade Barra do Ararapira, localizada na Ilha de Superagui, Guaraqueçaba (Paraná). A comunidade tradicional está localizada em uma unidade de conservação, nomeada Parque Nacional de Superagui e fundada por meio do Decreto nº 97.688, de 25 de abril de 1989, pelo presidente da República José Sarney. Em 1997, o território do Parque se expandiu por meio da Lei Federal nº 9.513, englobando o território de sete comunidades tradicionais, incluindo a comunidade Barra do Ararapira.

A etnografia realizada focou-se nas relações sociais observáveis por meio da observação participante e através de entrevistas abertas informais. Segundo Saéz (2013), a observação participante é a imersão numa vida não confinada ao laboratório, consistindo em uma ativa participação da pesquisadora na rotina diária do grupo estudado, com a finalidade de observar a vida de perto e de dentro. O resultado da etnografia se deu na forma de uma dissertação de mestrado (Rainho, 2015), com essa pesquisa sendo um dos capítulos da dissertação em questão.



“A gente vive no mar”: relações com o mar na comunidade pesqueira Barra do Ararapira
Ana Paula Rainho

Figura 1: Mapa do Parque Nacional de Superagui e das comunidades localizadas dentro e ao redor da unidade de conservação.



Fonte: Acervo do ICMBio.

Durante os quatro meses de trabalho de campo, que ocorreram em maio, junho e julho de 2014 e fevereiro de 2015, foram realizadas entrevistas abertas, não estruturadas, com todas as famílias residentes, incluindo adultos e crianças. Ao menos um membro de cada família foi entrevistado. Na comunidade Barra do Ararapira, residem “[...] 132 moradores, 34 famílias nucleares e 45 residências ocupadas” (Bazzo, 2010, p. 18). Alguns informantes privilegiados foram entrevistados em mais de uma ocasião para revelar informações mais profundas e complexas, que normalmente não são compartilhadas no primeiro encontro. Os informantes privilegiados foram primeiramente selecionados pelo seu papel como lideranças locais. Outros informantes privilegiados foram escolhidos devido à relação de confiança estabelecida com a



“A gente vive no mar”: relações com o mar na comunidade pesqueira Barra do Ararapira
Ana Paula Rainho

pesquisadora, o que proporcionou um aprofundamento sobre os temas abordados nesta pesquisa.

O Mar e a Comunidade

“Pescador não vive sem mar”. Esta foi a primeira resposta que obtive quando busquei compreender o significado do mar e sua teia de relações na comunidade pesqueira estudada. O mar é a base de vida dos moradores da Barra do Ararapira: saúde, educação, moradia, trabalho, alimentação e religião se interligam e se relacionam com o mar constantemente. De acordo com o morador Antônio Muniz: “Pescador não vive sem mar. Não se acostuma na cidade. Quando fui para Registro, fiquei entediado, não tinha nada para fazer. Aqui já acorda, olha o mar, já vê a maré, já sabe o tempo” (Antônio Muniz, 22 de julho de 2014).

Começando pelo aspecto da saúde, há relatos de diversos moradores sobre como a distância do mar provoca crises de ansiedade. Isso ocorre quando os moradores precisam se afastar do litoral para visitar familiares ou receber atendimento médico especializado, geralmente realizado no município de Registro, no estado de São Paulo. Apesar de a comunidade se localizar no estado do Paraná, a Ilha de Superagui faz divisa com o estado de São Paulo e, por isso, os moradores têm maior proximidade com diversas cidades paulistas.

Queixas de insônia são comuns, pois os moradores relatam que sentem dificuldades de dormir sem o barulho do mar. Muito entrevistados(as) comentaram sobre a importância desse barulho para suas noites de sono, destacando como o som os acalma e os ajudam a adormecer, constituindo-se num hábito socialmente construído, e não apenas em um mero prazer. Desde o nascimento, os moradores já começam a dormir embalados pelo som do mar. Muitas vezes, o embalo do mar não é apenas ouvido, mas também sentido, principalmente quando os pescadores necessitam dormir em suas embarcações.

O nascimento também passa pelo mar. Como a parteira na comunidade está aposentada, as mães dão à luz seus filhos e filhas em municípios do estado de São Paulo.



“A gente vive no mar”: relações com o mar na comunidade pesqueira Barra do Ararapira
Ana Paula Rainho

Assim que a mãe sente as contrações, ela entra na embarcação e viaja até a cidade de Cananéia. As viagens podem demorar mais de 3 horas, dependendo da embarcação e das condições oceanográficas. Em alguns raros casos, as crianças nascem dentro do próprio barco. Após o nascimento, a criança é transportada de volta à comunidade, novamente através do mar.

Para chegar à escola também é necessário percorrer o mesmo e único caminho que se segue sempre: pelo mar. Na comunidade, há uma pequena escola que vai apenas até a quarta série do Ensino Fundamental (quinto ano do Ensino Fundamental) e, para chegar até ela, os alunos precisam caminhar pela praia quando a maré está baixa. Quando a maré está alta, o caminho percorrido se dá por uma trilha, passando entre as casas dos moradores. A escola se localiza de frente para o mar. Para cursar outras séries, os alunos precisam se deslocar até a comunidade do Ariri (Cananéia, São Paulo). Apesar de a escola no Ariri não ser de frente para o mar, o deslocamento ocorre através de embarcações providenciadas pela Prefeitura de Cananéia, obrigando os estudantes a atravessar o oceano todos os dias do ano letivo.

As moradias também estão relacionadas com o mar, pois as casas mais antigas foram todas construídas com a ajuda da maré, quando a correnteza trazia madeira até a praia da comunidade. Atualmente, os moradores obtêm madeira por meio da compra em cidades próximas. Entretanto, os moradores ainda utilizam móveis, utensílios, entre outros objetos, que chegam até a costa pela maré. Percorrendo a comunidade, veem-se blocos de cimento trazidos do mar, que são utilizados como bancos pelos moradores. Ainda hoje, os moradores consideram um passatempo interessante a caminhada pela orla da praia com o objetivo de encontrar itens trazidos pelo mar.

Outro fator de aproximação com o mar é a maneira como a comunidade está distribuída ao longo de seu território. As casas, as pousadas, os *campings*, a escola, a igreja, o campo de futebol e o galpão da igreja onde ocorrem os bailes, bingos e cursos, estão todos voltados para o mar. As portas e as janelas dos estabelecimentos e das moradias também foram construídas voltadas para o mar. A maioria das casas foi construída na própria praia, enquanto algumas poucas moradias se encontram



“A gente vive no mar”: relações com o mar na comunidade pesqueira Barra do Ararapira
Ana Paula Rainho

estabelecidas atrás daquelas, mas ainda próximas o suficiente para que se aviste o mar de suas janelas. A sensação que se tem após um longo período na comunidade é semelhante à permanência em um navio, porque não importa para onde se vá, o mar está sempre ao alcance da visão. Tal distribuição espacial, inteiramente voltada para o oceano, faz com que os/as moradores/as olhem o mar em todos os momentos de suas vidas. Os casamentos são à beira-mar, assim como as festas de aniversário, as missas, as brincadeiras das crianças, os jogos de futebol, etc., fazendo com que os(as) moradores(as) estejam sempre perto do mar. Segundo o pescador Flávio: “A gente vive dentro do mar. Aonde quer que vamos estamos cercados de mar. É mar por tudo. A única saída para qualquer lugar é o mar. Vemos o mar toda hora, todo dia. E ainda tem o barulho do mar à noite para dormir” (Flávio, 24 de julho de 2014).

O mar também constitui um dos principais passatempos de toda a comunidade. “Espiar o mar”, mais que um conceito nativo, é uma atividade que os moradores realizam todos os dias. A atividade já é realizada durante a prática pesqueira, pois é necessário “espionar o mar” para localizar os cardumes. Tanto na pesca de canoa a remo, nas proximidades da comunidade, quanto na pesca de canoa a motor em alto mar, há momentos em que a canoa permanece parada por muitos minutos e todos os pescadores dirigem sua atenção para a observação do mar. Entretanto, a observação do mar não está limitada apenas às pescarias, nem por uma questão espacial das moradias, mas está enraizada em uma questão cultural da própria comunidade. “Espiar o mar” também é uma forma de lazer, compartilhada entre todos os membros da comunidade, independentemente do sexo e da idade. Grande parte dos moradores passa muitos minutos (às vezes horas) de seus dias, todos os dias, olhando o mar, algumas vezes em grupo, outras vezes sozinhos, apenas pelo simples prazer de observá-lo. Quando avistei Kimberly, de apenas 6 anos, “espiando o mar”, fui perguntar o porquê de ela estar realizando tal atividade. Ela, de maneira simples e direta, respondeu: “porque é tão legal!”. “Espiar o mar” também tem função terapêutica, pois alguns moradores, quando estão muito nervosos, saem de suas casas e vão até a beira do mar e ficam olhando para o oceano até conseguirem se acalmar.



“A gente vive no mar”: relações com o mar na comunidade pesqueira Barra do Ararapira
Ana Paula Rainho

Os habitantes frequentemente discorrem acerca do oceano, especialmente em virtude da prática da pesca. Para alcançar êxito na pesca é essencial ter um profundo entendimento do mar, compreendendo aspectos tais como: o sentido do vento e das correntes marinhas, os tipos de maré e as fases da lua. A atividade pesqueira requer todo um arsenal acumulativo sobre o espaço marítimo, construído pelo saber, experiência e intuição, resultando em uma “noção tridimensionada” do espaço, que abrange distintos domínios - mar, terra e céu - dotados de significado (Cunha, 2004).

Além disso, é necessário ter conhecimento do aspecto reprodutivo da espécie, saber quando ocorre a desova, onde ela ocorre, quais são os períodos dos meses em que essa espécie é mais abundante e por quê. Também é preciso localizar o cardume no mar. Esse processo de localização não é simples, dado que a pesca na Barra do Ararapira é principalmente voltada para espécies de peixes que migram pelo oceano, alterando constantemente sua localização no espaço marinho.

Os pescadores possuem alguns pesqueiros² como referência para a prática pesqueira. No entanto, muitas das espécies capturadas são migratórias, deslocando-se durante o processo reprodutivo. Esse é o caso da tainha (*Mugil brasiliensis*), que só é capturada quando os pescadores conseguem alcançar o cardume. Para localizá-la, todo conhecimento é útil e necessário. Assim, encontrar o cardume torna-se uma atividade intelectual na qual o pescador precisa refletir, com base nos conhecimentos adquiridos, sobre onde o cardume poderá estar no dia seguinte. Este trabalho intelectual não é feito de forma solitária pelo pescador; ele discute, debate, reflete e troca ideias com outros pescadores sobre as condições do mar naquele dia, buscando prever com maior precisão a localização do cardume para o dia seguinte. Um exemplo dessa dinâmica pode ser observada na fala de Flávio: “A água está muito clara. Água clara é ruim para pescar, deixa o peixe arisco, ele consegue avistar a rede. E a água está clara porque faz dias que não venta leste” (Flávio, 02 de julho de 2014).

² De acordo com Barbosa & Devos (2017, p. 3), os pesqueiros são “pedras propriamente ditas, arrecifes de arenito, coral ou mesmo formações artificiais, como naufrágios e pesqueiros botados (pedaços de paus, pedras e outros materiais jogados ao mar), que se encontram submersos” e abrigam diferentes espécies de peixes e crustáceos.



“A gente vive no mar”: relações com o mar na comunidade pesqueira Barra do Ararapira
Ana Paula Rainho

Apesar de a pesca não ser uma atividade diária, os pescadores discorrem sobre o mar diariamente, analisando o tempo, o vento, as ondas e as correntes, buscando uma compreensão mais profunda acerca do oceano. Isso ocorre tanto para antever as melhores condições de pesca quanto por um genuíno interesse e prazer em explorar o mar. Nos dias sem pescaria, os pescadores consertam suas redes à beira-mar, enquanto observam o oceano. Nestes momentos, reúnem-se outros moradores para conversar, novamente, sobre o mar. Como nos mostra a pescadora Rosi, basta “[...] ter um grupo de homens reunidos que o assunto é mar”.

A própria linguagem da comunidade é moldada pelo oceano quando palavras próprias da pescaria se transformam em expressões usadas em situações que não estão diretamente relacionadas à pesca. “Chumbar”, por exemplo, refere-se ao ato de colocar chumbo na rede, mas também é usado como adjetivo referente à tristeza, melancolia, como na expressão “ela está chumbada” (ela está para baixo). Já o verbo “costear” referente a “se aproximar da região costeira” é usado também como termo para aproximação entre pessoas, como “venha costear em mim” ou “estava costeando”, que pode se referir tanto a passear pela praia como ficar à toa. “Costear” é mais que se aproximar da região costeira, pois a própria comunidade já se encontra estabelecida na costa. É também mais que meros passeios pela costa, já que qualquer deslocamento por meio da comunidade se dá através da costa. “Costear” é uma experiência de habitar a costa, onde os moradores literalmente vivem na praia e convivem com a linha da maré todos os dias.

O mar e seus componentes são referências para verbos e substantivos, sendo utilizados inclusive como temas de piadas. Por exemplo, as piadas sexuais, comuns na comunidade, muitas vezes utilizam nomes de animais marinhos (ou partes de animais) para referir-se à vagina. É o caso de espécies de mexilhão, ostra, linguado ou parte de peixes como ventrecha³ e lanho⁴. Também utilizam nomes de espécies como referência ao pênis, como o peixe amoré (*Gobioides broussonnetii*). A expressão “dormir na cama

³ Ventrecha é o nome referente à guelra do peixe.

⁴ Após abrir e limpar o peixe, corta-se a carne em filetes para ficar mais fácil o processo de salga do peixe. Os filetes são chamados de lanho e, entre um filete e outro, a aparência é muito semelhante a uma vulva.



“A gente vive no mar”: relações com o mar na comunidade pesqueira Barra do Ararapira
Ana Paula Rainho

do linguado" também se refere ao ato sexual, pois associa o linguado à genitália feminina. A "cama do linguado" é como os moradores chamam a marca que o linguado (*Paralichthys brasiliensis*) deixa na praia após dormir enterrado na areia. A marca fica visível na orla da Barra do Ararapira durante a maré baixa. Os moradores relatam que os linguados às vezes não percebem a mudança da maré e acabam morrendo por "dormir demais".

Um exemplo que ilustra a complexidade da relação dos moradores da Barra do Ararapira com o mar são as constantes mudanças territoriais da comunidade. A localização da Barra do Ararapira nem sempre foi a mesma ao longo do tempo. A disposição das moradias e estabelecimentos, todos de frente para o mar, e a própria escolha da região onde a comunidade se estabeleceu foram moldadas profundamente pela influência do oceano.

Em frente à Barra do Ararapira encontra-se a Ilha do Cardoso (localizada no Estado de São Paulo). A proximidade entre as duas ilhas é tanta que é possível atravessar de uma ilha para outra a nado. A distância entre as duas ilhas cria um fluxo intenso de águas e correntes, conhecido pelos moradores como “barra”, sendo esta a única saída para o alto-mar. Por causa disso, os moradores dividem o mar em duas partes: o mar de dentro, em frente à comunidade e delimitado pela Ilha do Cardoso; e o mar de fora, o alto-mar.

A “barra”, que permite a passagem de um mar para outro, é móvel devido à intensa dinâmica sedimentar da região. Já esteve mais ao Norte e agora move-se gradualmente para o Sul. Os moradores da Barra do Ararapira acompanham essa movimentação. Eles levam seus móveis e casas para escapar da erosão causada pela “barra” e seu intenso fluxo de água, mas também para permanecer próximos da mesma, que possibilita o acesso ao alto-mar.

Periodicamente, a desembocadura se fechava, para logo abrir em outro ponto mais adiante, com novo formato. Nessa trajetória, tudo o que ficava para trás, antes praia, virava mangue, enquanto aquilo que se encontrava à frente de mangue passava à praia. Diante disso, para lugares de moradia adequados e pescarias bem-sucedidas, a alternativa era desmontar as casas de madeira e remontá-las onde a barra havia parado (Bazzo, 2010, p. 47).



“A gente vive no mar”: relações com o mar na comunidade pesqueira Barra do Ararapira
Ana Paula Rainho

Assim como Sautchuck (2007) descreveu a Vila Sucuriju (localizada no estado do Amapá) como indissociável da dinâmica do rio, o mesmo pode ser dito da comunidade Barra do Ararapira, que se encontra indissociável da dinâmica da “barra” e do seu fluxo da água. Por se localizar em uma planície inundável, a Vila de Sucuriju está sempre se modificando e se reinventando a partir das variações da maré. A Barra do Ararapira também se modifica e se reinventa a partir das modificações da “barra”. E, apesar dos riscos de erosão que a “barra” oferece, inundando casas e obrigando os moradores a migrarem, a “barra” também oferece a proximidade com o mar, o que torna compreensível o desejo da comunidade de habitar um ambiente tão instável e imprevisível.

Essa indissociabilidade entre comunidade e dinâmicas marinhas mostra uma relação construída há longo tempo com o funcionamento do oceano e com a necessidade de permanecer perto dele. E, como o mar está em constante movimento, a comunidade também está, seguindo com suas casas a movimentação do mar e de seus componentes, que são sempre móveis e fluidos, como a “barra”, a maré e as correntes. Através da relação com este espaço altamente mutável, a comunidade também se move, se desfaz e se reconstrói, compreendendo também como tudo na natureza é mutável.

A pesca estreita ainda mais os vínculos com o mar, pois a técnica é constituída dentro da matriz das relações sociais em uma determinada paisagem (Ingold, 2000). A paisagem não é apenas um cenário passivo, mas um elemento ativo que contribui para o processo técnico e o conhecimento prático (Ingold, 2000). Essas relações referem-se a uma sociabilidade mais que humana (Tsing, 2013), abrangendo tanto as espécies marinhas quanto o próprio mar e suas dinâmicas. Os pescadores estabelecem laços com os peixes, laços que são sociais e históricos. Sociais, porque o peixe é um sujeito ativo para o pescador, que tem grande inteligência, passível de admiração. De acordo com os pescadores, o peixe tem capacidade de aprendizado e é através dessa capacidade que o peixe aprende a escapar das redes, desenvolvendo rapidez e novas habilidades, entre estas, a competência de reconhecer novas técnicas pesqueiras. O pescador busca, então, superar a inteligência do animal, passando a refletir constantemente sobre qual a



“A gente vive no mar”: relações com o mar na comunidade pesqueira Barra do Ararapira
Ana Paula Rainho

melhor maneira de capturar as espécies desejadas. Por isso, trocam de rede com o passar dos anos, modificando as malhas, a panagem, entre outras funcionalidades.

A relação social estabelecida é também histórica, desenvolvida ao longo do tempo durante a atividade pesqueira, remetendo a aprendizados de ambas as partes: o pescador adaptando e melhorando suas redes de pesca; enquanto o peixe aprende a escapar de cada nova rede construída dentro dessa dinâmica relacional. Assim, quanto mais o peixe aprende sobre o pescador e suas técnicas, mais o pescador aprende sobre o peixe, modificando suas práticas e a si mesmo, por meio de uma longa relação social. Como nos mostra o pescador Flávio: “O peixe é esperto, nós que somos burros. As tainhas vêm desde a Lagoa dos Patos escapando de rede, ficando cada vez mais espertas. Daí fica difícil de pegar mesmo” (Flávio, 20 de julho de 2014).

As interações entre peixe e pescador em ambientes marinhos e estuarinos permitem o desenvolvimento de novas técnicas de pesca. Dessa forma, as relações sociais que ocorrem em uma paisagem geram novas práticas, não apenas pesqueiras, mas também simbólicas, econômicas e sociais. Além disso, a prática não apenas reproduz e fortalece as relações pré-existentes, como também gera novas relações, tanto entre humanos, através do estabelecimento de novos companheiros de pesca, quanto entre não-humanos, com novas espécies sendo conhecidas, avistadas e convividas durante a prática pesqueira.

O mar está em todos os momentos e em todas as etapas da vida dos moradores da Barra do Ararapira. Ao acordar, a primeira coisa que os moradores fazem é olhar a maré e o vento. Ao dormir, a última coisa que escutam antes de embalarem o sono é o som do mar. Os horários também são definidos pelo mar. A opção de transporte e pescaria no período da manhã se dá devido à calmaria do mar e à facilidade em se capturar peixes nesse horário. Como a comunidade está próxima à “barra”, que apresenta grande fluxo de entrada e saída de água, os pescadores só conseguem realizar a atividade de pescaria com o tempo muito calmo, pouco vento e mar manso. O mar acaba definindo não apenas o horário, mas o dia e a época do trabalho pesqueiro, pois não é possível pescar todos os dias. É necessária uma configuração marítima específica de ventos, ondas e correntes.



“A gente vive no mar”: relações com o mar na comunidade pesqueira Barra do Ararapira

Ana Paula Rainho

Assim, a jornada de trabalho não está presa a um calendário fixo de cinco dias úteis na semana, mas se atém apenas aos ritmos do próprio mar.

O tempo está ligado ao espaço insular e ao modo de vida existente. A experiência de finitude induz um tempo particular. Fala-se frequentemente na lentidão dos ilhéus para os quais o espaço e o tempo são transpostos à escala do microcosmo. Eles também, muitas vezes, recusam o tempo que lhe impõe o continente: segue-se o tempo cíclico marcado pela sua relação com o mar e com as atividades agrícolas (Diegues, 1998, p. 101).

A movimentação da comunidade também está vinculada aos ritmos marítimos. Para sair da comunidade é necessário atravessar o mar, mas para isso são necessárias as condições marítimas adequadas para a travessia. Para se locomover dentro da comunidade também só é possível com determinadas condições de maré. Na maré alta, a comunidade perde um vasto território acessível apenas na maré baixa. A maré é mais do que uma condição do mar; é um fenômeno crucial para organizar as ações, permitindo ou não aproximações, distanciamentos e passagens de toda a comunidade (Sautchuck, 2007).

A pesca não é a única a passar por transformações; os próprios pescadores se modificam através da prática. Eles desenvolvem uma configuração corporal específica, que os individualiza como pessoas particulares (Sautchuck, 2007). Para o autor, essa configuração não é apenas uma aquisição de transformação e conhecimento, mas uma metamorfose que adapta todo o corpo do pescador à vida na pesca. Seus corpos estão constantemente molhados, independentemente da modalidade de pesca praticada. No passado, essa interação era ainda mais intensa, pois os pescadores costumavam trabalhar nus à beira-mar, independentemente das condições climáticas. A crença predominante era de que o odor das roupas submersas poderia afastar os peixes, o que motivava essa prática.

A relação do corpo molhado com a água do mar pode ser observada na brincadeira entre o pescador e seu cachorro. Quando perguntei a Davi, pescador e morador da comunidade, por que seu cachorro estava molhado, ele respondeu: "é porque ele é pescador". Não são apenas essas transformações momentâneas que acontecem em seus corpos. Outras transformações são mais profundas, sendo



“A gente vive no mar”: relações com o mar na comunidade pesqueira Barra do Ararapira
Ana Paula Rainho

permanentes. As mãos tornam-se calejadas de tanto puxar rede, a pele enruga, os músculos crescem com o intenso exercício que a atividade pesqueira impõe, os pés ressecam e calejam com o contato constante da areia e da água do mar. Até os sentidos se modificam, tornando-se mais aguçados. A visão especializa-se em localizar aves, peixes e baixios de areia, e os ouvidos passam a reconhecer de longe os barulhos do mar.

Tem dias que o mar agita que parece que estamos em cima de um touro. A canoa fica toda molhada, temos que tirar água de dentro dela com um balde. A gente puxa a rede, a canoa balança, ficamos caindo do lado da canoa, no chão. O peixe vem bate na gente. E dia que só vem água viva. Não dá para pescar sem camisa, vem todo o pescado no peito. Em época de água viva, meu deus, não dá, queima tudo. É... Ser pescador não é fácil! (Flávio, 2 de julho de 2014).

Não é somente a pesca que torna possível a metamorfose dos corpos, já que quem não captura peixe também passa por muitas das modificações citadas anteriormente. As mulheres, por exemplo, não realizam o extrativismo, a captura do pescado em si, mas se constituem enquanto pescadoras por participarem da cadeia produtiva da pesca, através do beneficiamento do pescado. Mesmo sem participar da captura, as mulheres também modificam seus corpos, suas mãos se tornam calejadas de manusear peixes e sua pele enruga devido ao contato constante com o sol.

Outras transformações não são sentidas tão positivamente, como problemas na bexiga derivados do contato com a água do mar. As mulheres mais velhas, em entrevistas, afirmaram que seus problemas de bexiga decorrem do passado, quando realizavam o extrativismo. As mulheres que realizaram a captura apenas na infância, assim como aquelas que nunca praticaram o extrativismo, também apresentam problemas na bexiga. Uma moradora afirmou que é a presença do mar que torna isso possível e que, às vezes, só de entrar na canoa e deslocar-se para outro lugar já é suficiente para desenvolver uma infecção urinária, sendo efeito da permanência próxima do oceano.

As mulheres também apresentam sentidos aguçados e bem desenvolvidos, não por necessitarem avistar cardumes a dezenas de metros de distância, mas por se engajarem em uma paisagem, olhando, cheirando, ouvindo e sentindo o mar todos os dias. Dessa forma, não é apenas a captura do pescado que provoca uma transformação,



“A gente vive no mar”: relações com o mar na comunidade pesqueira Barra do Ararapira
Ana Paula Rainho

mas o elemento crucial da metamorfose dos corpos é a própria presença do mar. Para permanecer perto do mar, todos se transformam. Pois, a relação com o mar molda as diversas dimensões de suas vidas.

Considerações finais

O mar é um espaço que integra práticas sociais, econômicas e simbólicas (Calippo, 2010), permitindo a formação de relações complexas entre humanos e não-humanos. Essas relações transformam o mar em objeto e sujeito relacional, não de forma antropomórfica, como descrito por Descola (1988) em *La Selva Culta*, mas por meio de olhares, falas, sentidos, práticas, preces, vivências e emoções. Como poderíamos pensar que apenas os humanos seriam sociais? (Tsing, 2013). Se "social" implica interações profundas com “outros” significativos (Latour, 2012), o mar não pode ser excluído dessa dinâmica. Em comunidades pesqueiras, como a Barra do Ararapira, o mar é o epicentro de toda a vida social (Diegues, 2004). Como afirma a pescadora Valmira: “O mar é fonte de vida pra gente, fonte de alimento, de renda, de sobrevivência. Fico sentada olhando o mar todo dia, rezando, pedindo que proteja a comunidade, pedindo que proteja quem está lá fora pescando” (Valmira, 15 de julho de 2014).

As relações sociais na comunidade Barra do Ararapira são formadas entre humanos e não-humanos, entre humanos e o mar. Essas relações são estabelecidas com diversos seres e elementos, reagem entre si e se transformam constantemente (Tsing, 2013). A partir dessas interações, os corpos dos pescadores e pescadoras se transformam devido ao trabalho na pesca, mas também se transmutam pela proximidade e pelas relações estabelecidas com o mar.

Dessa forma, a dicotomia entre natureza e sociedade revela-se limitada para a compreensão das comunidades pesqueiras e costeiras. Segundo Latour (2012), o conceito de natureza e de sociedade está separado por um longo processo de distribuição dos objetos através da ciência e da política. Mas isso não implica que outras culturas estabeleçam essa dicotomia na produção de seus conhecimentos e de suas políticas. O mesmo pode ser pensado em relação à dicotomia entre terra e mar.



“A gente vive no mar”: relações com o mar na comunidade pesqueira Barra do Ararapira
Ana Paula Rainho

Enquanto olhamos o mar como um espaço “vazio”, interpretando-o a partir da terra, povos costeiros e pescadores compreendem o mar como um espaço com símbolos, significados, emoções e vida (Herrera & Chapanoff, 2017). O próprio conhecimento das comunidades pesqueiras já se refere a uma visão “tridimensional do espaço”, como bem demonstrado por Cunha (2004), em que não há separação entre espaço terrestre e marítimo.

O conceito de maretório reflete essa integração, descrevendo as relações entre terra e mar, e superando divisões rígidas. Esse conceito também reconfigura antigos papéis de gênero, que associavam o mar ao domínio do homem e a terra ao domínio da mulher (Woortmann, 1991), revelando que o mar não pertence exclusivamente a um único gênero, mas sim à comunidade como um todo. As práticas pesqueiras, a mobilidade dos moradores, as atividades de lazer, a alimentação, os consertos de redes e as conversas à beira-mar sobre o mar são expressões cotidianas de uma identidade coletiva que se define no maretório, um território simbólico e econômico que articula vida, cultura e resistência entre a terra e o mar.

Por ser utilizado coletivamente por lideranças de pescadores artesanais na luta pelo seu território e na sua identificação como povo tradicional costeiro e pescador, o conceito também tem um sentido identitário (Souza et al., 2024). Embora os moradores da Barra do Ararapira não utilizem o termo maretório explicitamente, vivem essa realidade na dependência da maré, na mobilidade e na vida compartilhada entre terra, mangue e mar (Souza, 2022). A identidade coletiva de uma comunidade pesqueira e dos pescadores artesanais só é possível na coexistência entre terra e mar, a partir da dinâmica própria das paisagens costeiras.

A importância de conceitos tais como maretório está em reconhecer e valorizar as especificidades culturais e sociais dessas populações. Ele traz à tona a necessidade de políticas públicas que respeitem essas formas tradicionais de uso e apropriação da região costeira, bem como a resistência das comunidades frente aos processos de expropriação que ocorrem no litoral brasileiro (Souza et al., 2024).

Aliada à pesca industrial predatória, ocorreu forte expansão turística e de especulação imobiliária, que resultou rapidamente na expropriação de muitos



“A gente vive no mar”: relações com o mar na comunidade pesqueira Barra do Ararapira

Ana Paula Rainho

territórios de uso comum no contexto da cultura caiçara e de outras semelhantes (dos jangadeiros, açorianos etc). Nesse processo, os pequenos produtores costeiros foram alijados de seus territórios tradicionais, expulsos de suas praias para dar lugar a complexos turísticos e hoteleiros (Diegues, 2001, p. 131).

Processos esses que historicamente também ocorreram por meio da implementação de unidades de conservação, como bem demonstrado por Diegues (2001), já que a própria legislação⁵ referente às unidades de conservação (U.C.) do tipo integral (tal qual se caracteriza o Parque Nacional de Superagui) não permite moradores dentro da U.C. e pressupõe que eles devem ser expulsos de seus territórios tradicionais. E, quando as comunidades tradicionais são toleradas nas unidades de conservação do tipo integral, são “[...] severamente tolhidas de exercer, no interior dessas áreas, suas atividades habituais, como a agricultura, o extrativismo e a pesca” (Diegues, 2001, p. 132).

Assim, “[...] a permanência desses povos tradicionais em seus ‘maretórios’ de origem contribui para a manutenção da cultura pesqueira e marisqueira, que são compartilhadas e praticadas coletivamente” (Souza et al., 2024, p. 74). Por conta disso, políticas destinadas à regulação da atividade pesqueira, ao território pesqueiro, aos direitos das comunidades tradicionais pesqueiras e à continuidade cultural de práticas tradicionais relacionadas à pesca passam por repensar o território. E repensar como os processos de expropriação das comunidades de pescadores, que os afastam do mar, geram impactos culturais irreversíveis, pois a reprodução cultural dessas comunidades depende da permanência em seus maretórios. Passa por compreender o que é o mar para essas comunidades e seus significados simbólicos, culturais, sociais, econômicos e também emocionais e afetivos.

Referências

Barbosa, Gabriel & Devos, Rafael. Parallaxe e “marcação por terra”: Técnicas de navegação entre jangadeiros na Paraíba e Rio Grande do Norte (Brasil). *Mana*, v. 23, n. 3, p. 343-372, 2017.

⁵ Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000, que institui o Instituto Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e dá outras providências.



“A gente vive no mar”: relações com o mar na comunidade pesqueira Barra do Ararapira
Ana Paula Rainho

Bazzo, Juliana. **Mato que vira mar, mar que vira mato:** o território em movimento na vila de pescadores da Barra de Ararapira (Ilha do Superagui, Guaraqueçaba, Paraná). Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2010.

Callipo, Flávio Rizzi. **Sociedade Sambaqueira, Comunidades Marítimas.** Tese (Doutorado em Arqueologia), São Paulo: Universidade de São Paulo, 2010.

Cunha, Lúcia Helena. Saberes patrimoniais pesqueiros. *In:* Diegues, A. C. (Org.). **Enciclopédia Caiçara:** O olhar do pesquisador. (Vol. 1). São Paulo: NUPAUB, 2004.

Descola, Philippe. **La Selva Culta.** Simbolismos y práxis em la ecologia de lós Achuar. Uruguai: Ediciones ABYA-YALA, 1988.

Diegues, Antônio Carlos. **Ilhas e mares:** simbolismo e imaginário. São Paulo, Brasil: Hucitec, 1998.

Diegues, Antônio Carlos. **O mito moderno da natureza intocada.** São Paulo, Brasil: Hucitec, 2001.

Diegues, Antônio Carlos. **A pesca construindo sociedades.** São Paulo, Brasil: NUPAUB-USP, 2004.

Herrera, Jorge & Chapanoff, Miguel. Regional Maritime Contexts and the Maritorium: A Latin American Perspective on Archaeological Land and Sea Integration. **Springer**, n. 12. p. 163-178, 2017.

Ingold, Tim. **The perception of the environment:** essays on livelihood, dwelling and skill. London: Psychology Press. 2000.

Latour, Bruno. **Reagregando o Social:** Uma introdução à Teoria do Ator-rede. Salvador: EDUSC, 2012.

Marques, Pedro Henrique Dias. **Abra os olhos para o banco dos abrolhos:** percepção ambiental, territorialidade e conflitos na ótica da pesca artesanal de Caravelas a Nova Viçosa, Bahia, Brasil. Dissertação (Mestrado em Ciência e Tecnologias Ambientais) – Universidade Federal do Sul da Bahia, Salvador, 2020.

Pimentel, Márcia Aparecida da Silva. Comunidades tradicionais em reservas extrativistas marinhas no Estado do Pará: Conflitos e resistências. **AMBIENTES: Revista de Geografia e Ecologia política**, v. 1, n. 1, p. 191-191, 2019.



“A gente vive no mar”: relações com o mar na comunidade pesqueira Barra do Ararapira
Ana Paula Rainho

Rainho, Ana Paula. **A gente vive no mar:** saberes oceanográficos na comunidade tradicional Barra da Ararapira. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2015.

Rocha, Ana Luiza Carvalho & Eckert, Cornelia. Etnografia: saberes e práticas. **Illuminuras**, n. 21, p. 23, 2008.

Sáez, Oscar Cavalcanti. **Esse obscuro objeto da pesquisa:** um manual de métodos, técnicas e teses em Antropologia. Ilha de Santa Catarina: Edição do Autor, 2013.

Sautchuk, Carlos Emanuel. **O arpão e o anzol:** técnica e pessoa no estuário do Amazonas (Vila Sucuriju, Amapá). Tese (Doutorado em Antropologia), Brasília: Universidade de Brasília, 2007.

Souza, Paulo Victor Lima. **Maretório:** o giro ecoterritorial dos povos extrativistas costeiro-marinhos do Litoral da Amazônia Paraense. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia). Belém: Universidade Federal do Pará, 2022.

Souza, Paulo Victor Lima; Nascimento, Jéssica Silva França & Araos, Francisco Javier. Maretório e os povos tradicionais extrativistas costeiros e marinhos do Litoral do Pará, Brasil. **Ilha Revista de Antropologia**, v. 26, n. 2, p. 67-91, 2024.

Tsing, Anna. More-than-human sociality: a call for critical description. *In:* Kirsten H. (Ed.). **Anthropology and nature**. New York: Routledge, 2013.

Woortmann, Ellen. **Da complementaridade à dependência:** a mulher e o ambiente em comunidades “pesqueiras” do Nordeste. Série Antropologia III, 1991.